



**REFLEXÕES SOBRE O USO DE GRUPO FOCAL E ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO ENQUANTO INSTRUMENTOS PARA PESQUISAS SOBRE AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS**

**REFLEXIONES SOBRE EL USO DE GRUPOS FOCALES Y EL ANÁLISIS CRÍTICO DEL DISCURSO COMO HERRAMIENTAS PARA LA INVESTIGACIÓN SOBRE POLÍTICAS EDUCACIONALES**

**REFLECTIONS ON THE USE OF FOCUS GROUP AND CRITICAL DISCOURSE ANALYSIS AS A TOOL FOR RESEARCH ON EDUCATIONAL POLICIES**

Iágrici Maria de Lima Maranhão  
Universidade Federal de Pernambuco - Brasil  
E-mail: iagricilimaster@gmail.com

Luciana Rosa Marques  
Universidade Federal de Pernambuco - Brasil  
E-mail: lmarques66@gmail.com

Eixo temático 3: Metodologias para a análise e pesquisa de Políticas Educativa

**Resumo:** O objetivo deste artigo é tecer algumas reflexões sobre o uso de duas metodologias de coleta e análise de dados para pesquisas qualitativas em política educacional: os grupos Focais e a análise crítica do discurso. Inicialmente estaremos discutindo os conceitos e trajetórias de como estes instrumentos vem sendo utilizados na construção dos estudos voltados aos programas e projetos implementados em áreas educacionais. Entre as abordagens qualitativas de pesquisa social a técnica de análise de grupo focal vem sendo utilizada como um instrumento de coleta de dados, entendendo que esse é um instrumento capaz de ocasionar a interação entre os sujeitos de forma a levantar elementos que propiciem uma análise mais coerente e consistente sobre objetos voltados para a educação. Com relação à análise dos dados obtidos, percebemos que a ADC (análise do Discurso Crítica) aparece como um instrumento de reflexão acerca do discurso que está sendo construído, consumido, assim como este se institui no poder. Dessa forma, este artigo pretende contribuir trazendo uma experiência de pesquisa realizada no Município do Jaboatão dos Guararapes sobre, no Estado de Pernambuco, onde foram utilizados os dois instrumentos apontados neste texto como instrumento de coleta e de análise.

**Palavras-chave:** Grupos Focais. Análise do Discurso. Gestão democrática.

**Resumen:** El propósito de este artículo es hacer algunas reflexiones sobre el uso de dos metodologías de recolección y análisis de datos para investigaciones cualitativas en política educativa: grupos focales y el análisis crítico del discurso. Inicialmente vamos a discutir los conceptos y las trayectorias de cómo se utilizan estas herramientas en la construcción de estudios relacionados con los programas y proyectos implementados áreas educacionales. Entre los enfoques cualitativos de



investigación social la técnica de grupo focal viene siendo utilizada como un instrumento de recolección de datos, entendiendo que ese es un instrumento capaz de provocar la interacción entre los sujetos de forma de relevar los elementos que propician un análisis más coherente y consistente sobre los objetos propuestos. Con relación al análisis de datos obtenidos, percibimos que el ACD (Análisis Crítico del Discurso) se presenta como un instrumento de reflexión sobre el discurso que se está construyendo, consumiendo, y esto se instituye en el poder. De esa forma, este artículo tiene como objetivo contribuir trayendo una experiencia de investigación llevada a cabo en el Municipio de Jaboatão Guararapes, en el estado de Pernambuco, donde se utilizaron los dos instrumentos que se indican en el texto como una herramienta para la recolección y el análisis.

**Palabras clave:** Grupos Focales. Análisis del discurso. Gestión democrática.

**Abstract:** The purpose of this article is to make some reflections on the use of two methods of collecting and analyzing data for qualitative research in educational policy: Focus groups and critical discourse analysis. Initially we will be discussing the concepts and trajectories of how these tools are being used in the construction of studies related to the programs and projects implemented in educational areas. Qualitative approaches to social research technique for analyzing focus group is being used as an instrument of data collection, understanding that this is an instrument capable of causing the interaction between subjects in order to identify elements that provide a more coherent analysis and consistent about objects focused on education. Regarding data analysis, we realized that the ADC (Critical Discourse Analysis) appears as a tool for reflection on the discourse that is being built, consumed, and this is established in power. Thus, this paper aims bringing an experience of research conducted in the city of Jaboatão Guararapes over the state of Pernambuco, where the two instruments indicated in the text as a tool for collection and analysis were used.

**Keywords:** Focus Groups. Discourse analysis. Democratic management.

## Introdução

Este texto tem como finalidade tecer algumas considerações teórico-metodológicas sobre a análise de políticas educacionais.

Nos últimos vinte anos, verificamos um crescimento significativo na pesquisa educacional no Brasil, ocasionado principalmente pelo aumento dos programas de pós-graduação. Visualizamos, também, mudanças nas temáticas e problemas, nos referenciais teóricos, nos contextos de produção de trabalhos científicos, de forma que surgem diferentes caminhos para a construção da pesquisa. Porém, os estudos relacionados às abordagens metodológicas de investigação ainda são escassos.

Em nosso estudo sobre a Construção da Gestão Escolar Democrática no Município de Jaboatão dos Guararapes optamos por utilizar



dois mecanismos que, a nosso ver, trariam mais consistência a nossa pesquisa, assim como às nossas reflexões. Assim, utilizamos como metodologias de coleta e análise de dados o Grupo Focal e a Análise Crítica do Discurso.

Ao escolhermos estes procedimentos para coleta e análise de dados em uma pesquisa de política educacional, enfatizamos sua utilização visando compreender e não interferir, tão pouco generalizara materialização de uma política pública.

Verificamos que, no âmbito das abordagens da pesquisa qualitativa, esses instrumentos vêm sendo cada vez mais utilizadas, conquistando um lugar privilegiado em diversas áreas de estudo.

Nesses apontamentos iniciais optamos por uma breve apresentação dessas metodologias de coleta e análise de dados. O Grupo Focal (GF), de origem anglo-saxônica, foi desenvolvido no final da década de 1940 e, desde então, tem sido empregado como metodologia de pesquisas sociais, principalmente as voltadas para avaliação de programas, marketing, regulamentação pública, propaganda e comunicação (STEWART; SHAMDASANI, 1990). Uma característica relevante dessa técnica é a capacidade de oportunizar a obtenção de dados válidos e confiáveis em um curto espaço de tempo, tendo um baixo custo de emprego, tanto de tempo, quanto de pessoas envolvidas no processo (PATTON, 1990; SILVA; TRAD, 2005).

Em nosso estudo, a utilização do Grupo Focal surge como possibilidade de reunir dados não apenas das questões normativas relacionadas ao processo de gestão da escola, mas também da maneira como as leis se materializam em ações/práticas dentro do espaço escolar.

A Análise Crítica<sup>1</sup> do Discurso aliada ao Grupo Focal nos trouxe subsídios para uma compreensão de como os discursos de gestão democrática na escola estaria se materializando enquanto prática social.

---

<sup>1</sup> Fairclough é um dos estudiosos que aponta a importância e consistência da ACD. O autor apresenta uma ideia de um estudo do discurso enquanto uma prática social com vistas a transformação social do cotidiano (GOMES, 2005).



Nossa pesquisa versa sobre a ação de um órgão colegiado de gestão, o Conselho Escolar, onde a participação dos diversos atores faz-se necessária para a materialização da democracia nos processos decisórios da gestão da escola. Para tanto, entendemos que reunir sujeitos que promovem o processo decisório da escola, como os que estão à frente do sistema educacional, para que expressem numa roda de conversa, em um Grupo Focal, suas impressões acerca da gestão democrática e o papel do órgão colegiado na construção desse processo, traz elementos importantes para a compreensão do processo de materialização da política de democratização da educação.

Reunir duas estratégias metodológicas para a realização de uma pesquisa em educação voltada para análise de um projeto, programa ou política educacional nos remete a trazer as reflexões obtidas após a coleta e a análise dos dados, compreendendo que qualquer avaliação realizada aponta limitações. Como alguns percalços que possivelmente se darão, podemos apontar a análise de documentos, entendendo que estes são registros oficiais e por tal razão expressem ideais que não são frutos de uma participação coletiva, mas de um determinado grupo político.

Dessa forma, nosso estudo visa compreender e analisar a política de democratização da gestão escolar e de como esta vem se materializando dentro da escola, solidificando o processo de participação e exercício da democracia. Para isso, escolhemos a utilização do Grupo Focal como mecanismo de coleta dos dados e a Análise Crítica do Discurso como mecanismo de reflexão dos dados de forma que estaremos a seguir percorrendo sobre nossa utilização destes instrumentos.

### **Os Grupos Focais na pesquisa em educação**

Morgan (1996) e Kitzinger (1994) possuem e apresentam uma definição parecida de Grupo Focal, apontando-o enquanto uma técnica de pesquisa qualitativa, cuja finalidade é coletar informações por meio das interações grupais. Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico (sugerido pelo pesquisador, coordenador ou



moderador do grupo) a partir de um grupo de participantes selecionados previamente com base em alguns critérios. O Grupo Focal busca colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços.

Ainda sobre a relevância do uso do GF nas pesquisas Gaskell (2002, p. 79) considera que os grupos promovem um debate aberto e acessível em torno de um tema de interesse comum aos participantes, por isso a denominação “FOCAL”<sup>2,4</sup>. Um debate que se fundamenta numa discussão racional na qual as diferenças de status entre os participantes não são levadas em consideração.

Vários autores apontam o uso dos GF como uma terapia de grupo (Tavistock Institute); uma avaliação da eficácia da comunicação (Merton; Kendall) ou uma dinâmica de grupo em psicologia social (Lewin). Os Grupos Focais podem ser vistos, segundo Flick (2002, p. 128), como um “protótipo da entrevista semiestruturada”, mas voltando-se sempre a sua realização no coletivo. Os grupos focais são preferencialmente adotados em pesquisas exploratórias ou avaliativas, podendo ser a principal fonte de dados, ou como uma técnica complementar em pesquisas quantitativas como aponta Merton (1990).

São identificados, contudo, outros propósitos de caráter mais específico na utilização dos grupos focais na pesquisa, tais como: focalizar a pesquisa e formular questões mais precisas de investigação; subsidiar a elaboração de instrumentos de pesquisa experimental e quantitativa; orientar o pesquisador para um campo de investigação e para linguagem local; avaliar um serviço ou programa; desenvolver hipóteses de pesquisa para estudos complementares. (MORGAN, 1996; MINAYO, 2000; VEIGA; GONDIM, 2001; BAUER; GASKELL 2002).

---

<sup>2</sup> Babour (2009, p. 21) Coloca que esse termo em alguns momentos podem ocasionar diversas compreensões no entendimento do grupo focal como uma técnica que só poderia acontecer em um grupo consensual e que na verdade a intenção do grupo é fomentar o consenso no coletivo e não o inverso.



Em nosso caso, foram realizados dois grupos focais com sujeitos atores do cotidiano da escola. Em um primeiro momento realizamos um grupo com uma gestora, professores e outros funcionários das instituições elencadas pela secretaria de educação como democráticas ou ainda como as que possuíam os Conselhos mais atuantes (MARANHÃO, 2011). No segundo momento, o grupo foi composto por pais, alunos e integrantes da sociedade civil. Como apontamos anteriormente, é necessária a construção de critérios para equilibrar a participação dos sujeitos, de forma que todos se sintam livres para expor suas opiniões, conforme aponta Patton (1990):

O Grupo Focal difere da entrevista individual por se fundamentar na interação entre as pessoas para obter os dados necessários à pesquisa. Sua formação obedece a critérios previamente determinados pelo pesquisador, de acordo com os objetivos da investigação, cabendo a este a criação de um ambiente favorável à discussão, que propicie aos participantes manifestar suas percepções e pontos de vista.

Dessa forma, o uso do GF em nosso estudo propiciou o entendimento da relação entre o Conselho Escolar e a gestão democrática da educação. Nesse sentido, a fala dos sujeitos nos grupos trouxe informações relevantes, que, talvez, com o uso de outros procedimentos não pudessem ser percebidas.

Nos GFs, quando questionamos sobre o que era o Conselho Escolar, o que se entendia sobre esse órgão, percebemos posturas diferentes o que pode estar relacionado aos sujeitos do grupo, tendo em vista que os conjuntos são formados por atores de realidades diferenciadas. Uns sujeitos apontam uma visão sobre o Conselho voltada para o fato de o colegiado ter um viés financeiro e ser essa sua principal função, enquanto em um outro grupo percebemos haver outro olhar sobre o CE visto como um mecanismo de democratização da gestão. Este aspecto pode ser confirmado na afirmação de Babour (2009, p. 55) quando a mesma aponta que dentro dos grupos é preciso ouvir as “vozes individuais” dentro do contexto.

Essa diversidade de entendimentos nos remete ao caráter interacionista do Grupo Focal, enquanto mecanismo capaz de abarcar visões diversas sobre



um mesmo objeto de pesquisa. Esse aspecto é apontado por Gatti(2005), que entende que este instrumento, ao propiciar a exposição ampla de idéias e perspectivas, permite o surgimento de respostas mais completas e possibilita verificar a lógica ou as representações que conduzem a respostas, que, com outros meios, poderiam ser difíceis de captar.

O Grupo Focal assume na pesquisa um caráter de facilitador do processo de discussão tendo sua ênfase nos processos psicossociais que emergem, ou seja, no jogo de *interinfluências* na constituição de opiniões sobre um determinado tema. Assim, é preciso atentar para o fato de que as construções individuais tornam-se coletivas na medida em que a análise é feita sobre o grupo e não individualmente. No grupo focal se utiliza a interação grupal para produzir dados e *insights* que não seriam possíveis fora do grupo, como já pontuamos anteriormente, dada sua capacidade de materializar as significações. Então, nele se busca apreender e analisar um saber que também se constrói durante o grupo. Sendo assim, a opção do pesquisador por este instrumento elucida a forma como ele entende as possibilidades de acesso à realidade, assim como a sua compreensão sobre como ela se constitui (GOMES, 2005).

Podemos apontar ainda como elemento primordial do uso do grupo focal o fato de que este procedimento auxilia o pesquisador a conhecer a linguagem que seus sujeitos utilizam para descrever suas experiências, seus valores, os estilos de pensamento, assim como o processo de comunicação. (CAREY, 1994; O'BRIEN, 1993; MORGAN; KRUEGER, 1993). Portanto, informações, confirmação ou refutação de crenças, argumentos, discussões e soluções escutadas e expressas durante as sessões do grupo revelam o que o participante pensa e que resulta na compreensão coletiva sobre os temas discutidos (BERG, 1995).

Cabe apontar aqui as divergências entre GF e entrevista em grupo. Esta diferença está na interação do grupo. No GF o pesquisador está envolvido na determinação e manutenção do tópico de discussão, moderando os limites de cada situação de conversa, enquanto nas entrevistas em grupo o pesquisador observa a espontaneidade com que os tópicos são discutidos, sem



interferência. Desse modo, o Grupo Focal aponta para uma estrutura organizada que pode incluir diferentes variações e uma identidade distinta, embora ocupe uma posição intermediária entre observação participante e entrevista semi-aberta. (MORGAN, 1996).

Diante do exposto, percebemos a contribuição que o Grupo Focal nos traz enquanto método de coleta de dados em pesquisas de política educacional.

Conforme apontamos inicialmente, nossa pesquisa de mestrado constituiu-se em um estudo voltado para a análise da atuação dos Conselhos Escolares na construção de uma gestão democrática no ambiente escolar.

Nessa perspectiva, nossa escolha metodológica volta-se para um arranjo diferente de coleta, que possivelmente nos apontaria questões intrínsecas do processo de gestão da escola e do funcionamento do próprio órgão colegiado.

A nosso ver, uma entrevista com alguns gestores e pessoal técnico da secretaria de educação, não nos revelaria os pormenores do processo, assim como das relações interpessoais dentro da escola no que concerne a gestão. O grupo focal nos oportunizou reunir mais sujeitos para além dos que estão na equipe gestora.

Babour (2009, p. 66) aponta que o GF propicia aos participantes debaterem sobre questões internas dos seus próprios contextos. No primeiro GF aparece a compreensão de que é preciso suplantar a visão do CE apenas como um mecanismo de caráter financeiro, como aponta o argumento da representante dos professores

A maioria dos representantes, dos conselheiros, recebem formação da secretaria sobre as funções dos conselhos. Agora, até recebemos uma cartilha explicando de uma forma bem pedagógica o que deve ser o conselho e como devem ser. Mas é como já colocaram aqui. Não há um espaço democrático – pelo menos, não na minha escola- onde as pessoas discutam os problemas e os êxitos da escola. Até a pauta é elaborada antes sem consulta ao grupo e na hora das reuniões se discute o que o diretor quer. Por isso, não enxergo o conselho como um espaço coletivo. **(Representante dos professores – GF1).**



Corroborando com a ideia da professora, no segundo grupo focal, o representante dos alunos expõe sua opinião de que “o *Conselho deveria realizar mais reuniões com todos, ver o que as pessoas querem discutir, mas quando chegamos na reunião as falas já estão prontas e só se fala sobre assuntos que os professores ou o diretor quer. Assim, sabe...não podemos nem sugerir um assunto que dizem; fica pra próxima*” (Representante dos alunos – GF2).

Assim, entendemos que, este debate é concernente à vivência da participação social e da dinâmica dos processos democráticos, envolvendo a reflexão de questões relevantes, as quais estão para além da programação do pesquisador e que contribuem favoravelmente para a pesquisa. Nessa direção, os participantes levantam em suas falas elementos que o pesquisador não havia antecipado. (BARBOUR, 2009).

Um aspecto levantado por estudiosos da técnica de grupos focais é o fato de perceber a veracidade do que está sendo dito pelos respondentes ou se os mesmos estão apenas colocando o que o pesquisador quer ouvir. Os pesquisadores, segundo Morgan (1997), devem, portanto, estar atentos as atitudes, percebendo as revelações que são expressas pelos sujeitos no momento do debate.

Ao aprofundarmos nossos estudos, percebemos que aliado à análise crítica do discurso, o Grupo Focal nos traria subsídios interessantes para um estudo de política educacional.

### **Análise Crítica do Discurso nas pesquisas educacionais**

A Análise Crítica do Discurso estuda as interações sociais, a partir da análise textual, não apontando unicamente para um enfoque sociológico, tão pouco lingüístico, mas sim um ponto de equilíbrio entre o social e o lingüístico. No caso especificamente da Análise do Discurso Faircloughiana,



escolhida para a análise dos nossos dados, ela volta-se para o entendimento da mudança social a partir de uma mudança discursiva.

Entretanto, o que entendemos sobre discurso? Para Orlandi (2005, p. 15) “O discurso é a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”, enquanto que para Fairclough (2001) o discurso é um modo de ação, forma pela qual as pessoas se permitem *agir*<sup>3</sup> sobre o mundo e sobre os outros indivíduos, construindo o mundo em significado. Os textos, considerados como unidades ou manifestações do discurso, são constituídos para transmitir significados, desde a sua produção até sua distribuição e consumo. A ACD, como ficou conhecida a Análise Crítica do Discurso, explora de que forma os textos são produzidos, os significados contidos em seus interiores assim como eles contribuem para a construção das diferentes realidades sociais.

Ainda segundo Fairclough (2001), o discurso tem alcance em toda a sociedade devido a sua inserção em todas as práticas e eventos sociais nas quais os indivíduos participam. A Análise Crítica do Discurso estudada por Norman Fairclough se fundamenta nas práticas discursivas apontando as muitas interferências de diversos componentes culturais em suas organizações, auxiliando assim na compreensão do discurso como prática social, aproximando os sujeitos que o utilizam de uma criação ou transformação de uma nova realidade.

Fairclough (2001) considera as práticas discursivas considerando os diferentes tipos de discurso que emergem nas organizações em decorrência dos fatores sociais, promovendo a articulação entre os textos e os contextos sócio-históricos. Sendo assim, o discurso passa a servir de ferramenta, na qual as pessoas podem agir sobre as outras, transformando e recriando o mundo em que estão inseridos, “constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2001, p.91).

Em nosso estudo buscamos compreender não apenas as questões normativas inerentes ao processo de reforma da educação com relação

---

<sup>3</sup> Grifo nosso.



à gestão da escola, mas inferir também sobre como tais leis se materializam em ações/práticas e como os sujeitos se apropriam desses discursos para modificar suas realidades no que diz respeito à dinâmica da escola.

Após o levantamento dos dados nos Grupos Focais, delimitamos como categorias de análise a participação social e a gestão democrática, de forma que uma perspectiva teórica nos traria não apenas uma análise sobre a língua e sim de uma forma mais geral, um olhar sobre a própria semiose (que inclui a linguagem visual, linguagem corporal, e assim por diante) como um elemento ou momento do processo social material. (WILLIAMS, 1977).

É importante reconhecer a língua como um elemento integrante do processo social, como a parte irreduzível dos processos sociais, entendendo-a como uma construção de sentidos, que se materializa através das ações e da própria língua. Nesse sentido, percebemos a vida social como uma rede interconectada de práticas sociais de diversos tipos (econômicas, políticas, culturais, entre outras), todas com um elemento semiótico.

A compreensão de práticas sociais nos propicia combinar as perspectivas de estrutura e de ação – entendendo que uma prática é, por um lado, uma maneira permanente de agir na sociedade enquanto que por outro, um domínio de ação social e interação que reproduz estruturas, podendo transformá-las ou mantê-las.

Assim, faz-se necessário apontar o modelo de análise tridimensional proposto por Norman Fairclough (2001) em 1989 e aperfeiçoado em 1992 que considera três dimensões no discurso – **texto, prática discursiva e prática social**. Nesse modelo, a prática discursiva é entendida como os processos de produção, distribuição e consumo do texto, que estão relacionados a ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares. A natureza da prática discursiva é variável entre os diferentes tipos de discurso, de acordo com fatores sociais envolvidos. A prática discursiva é mediadora entre o texto e a prática social e para Fairclough (2001, p. 35-36):

A conexão entre o texto e a prática social é vista como mediada pela prática discursiva: de um lado, os processos de produção e interpretação são formados pela natureza da



prática social, ajudando também a formá-la e, por outro lado, o processo de produção forma (e deixa vestígios) no texto, e o processo interpretativo opera sobre pistas no texto.

Em oposição a outras perspectivas da análise do discurso e da lingüística textual, a ACD focaliza não só os textos, falados ou escritos, como objetos de investigação. Uma abordagem crítica do discurso exige, portanto, uma descrição tanto dos processos e estruturas sociais que levam à produção de um texto, quanto das estruturas e processos sociais no seio dos quais indivíduos ou grupos, como sujeitos sócio-históricos, criam significados em suas interações com os textos (FAIRCLOUGH; KRESS, 1993, p. 2).

Corroborando com esta afirmação em nosso estudo, sentimos a necessidade de questionar os sujeitos do segundo grupo sobre a relação do CE com as verbas, tendo em vista que no primeiro grupo originaram-se muitas falas com relação ao aspecto financeiro do CE. Eis algumas das respostas apresentadas:

eu sei que o CE é o órgão que recebe e gasta o dinheiro da escola. Mas, a verba quando chega **a gente se reúne e decide como gastar o dinheiro com o que a escola tá precisando. Geralmente a diretora, que conhece melhor a escola, diz para a gente o que a escola tá precisando e a gente libera a compra.** Mas, o CE é **para resolver os problemas mesmo e gasto de dinheiro não é problema...é?** (Representante dos pais – G2).

Acho que o conselho funciona muito mais como “o que gasta a verba” do que para resolver problemas, pois a gente só é chamado para reunião poucas vezes...algumas por problemas com alunos (que estão dando muito trabalho na escola) **e outras vezes para liberar as compras que já foram decididas pela diretora e pelos professores. Sabe como é, né? Eles sabem mais do que a escola precisa e por isso, decidem e depois passam para a gente.** (Representante dos alunos – G2).

Percebemos que de maneira oposta ao primeiro grupo focal os conselheiros percebem o CE não apenas como um instrumento financeiro da escola, apesar de compreenderem que os colegiados também abarcam essa função. No entanto, o que mais nos chamou atenção foi a visão dos



conselheiros sobre a capacidade que a diretora tem em perceber todas as necessidades da escola, mais que qualquer outro representante do colegiado.

Observamos que ainda exista uma considerável centralização de poder nas mãos do gestor que figura no colegiado como o único membro nato e isso ocasiona um sentimento de impotência pelo fato de os demais sujeitos parecerem não ser capaz de opinar nas decisões. Através das falas e associando as mesmas a alguns comportamentos observados nas escolas, entendemos que dessa impotência emerge condutas como indiferença, renúncia, abdicação, transferência, entre outras que se estabelecem como obstáculos a materialização da gestão democrática.

A partir dos discursos analisados, podemos classificar esse colegiado não como um espaço democrático e sim de ações que mascaram a ausência de democracia, centralizando o poder do processo decisório.

Comparamos as falas aqui expostas ao regimento do Cise<sup>4</sup> do município de Jaboatão. Esse documento define o “*Conselho Escolar como um órgão representativo da comunidade da escola, sem fins lucrativos, de natureza deliberativa, consultiva, financeira e fiscalizadora*”. Ainda encontramos nesse instrumento oficial a definição da natureza do Conselho, como também suas atribuições. Assim de acordo com o discurso dos Conselheiros, algumas dessas atribuições não estão sendo compartilhadas de fato, tolhendo o caráter democrático do órgão.

Fairclough e Wodak (1997) apontam para a importância do uso da linguagem nas sociedades modernas, pois a compreendem como um fenômeno social. Diante disso, podemos afirmar que existe um discurso de uma gestão compartilhada e participativa, no entanto as falas trazidas pelos sujeitos nos grupos focais denotam uma realidade oposta ao trazido nos documentos.

Sob esta ótica, entendemos que as ferramentas por nós utilizadas apontam elementos importantes para compreensão de políticas voltadas para

---

<sup>4</sup> No município de Jaboatão, o Conselho Escolar é chamado de Conselho de Integração Sócio Educativo.



educação, principalmente em como elas se consolidam e materializam no chão da escola.

### **Considerações finais**

No contexto do processo de mudança nas relações entre o Estado e sociedade e da reforma da administração pública, avaliar/analisar como uma determinada política vem se dando, assumindo a condição de instrumento de mudança, quase sempre precisa ser realizada de maneira a levar em conta vários elementos.

Para tal entendimento, em nosso caso especificamente, seria preciso compreender o contexto e a influência do mesmo nas promoções e conduções das políticas que tratam da democratização da gestão escolar, ao passo de que toda formulação de políticas constituem-se enquanto arranjos de grupos e lutas que emanam de um determinado movimento social.

Em nosso estudo, as falas obtidas nos grupos focais nos indicam realidades diversas nas escolas, que entendemos ser ocasionadas por elementos diversos, dentre os quais o que mais nos chama atenção é a apatia ao processo participativo. O instrumento de coleta de dados nos auxiliou a compreender o elemento apatia de uma forma peculiar, à medida que as falas são manifestadas juntamente com ações que nos indica a veracidade do exposto como apontamos anteriormente.

Este artigo foi escrito com a finalidade de trazer contribuições acerca do uso dos grupos focais enquanto mecanismo de coleta dos dados. A construção desse texto sugere como um caminho que vem sendo trilhado pelos pesquisadores. Nos grupos focais existe uma discussão em torno do processo e das interações sociais na análise dos dados dos grupos. Compreendemos essa interação enquanto categoria que pode gerar ainda mais elementos relevantes para o estudo.

Percebemos que apesar de sua relevância, as interações sociais não têm se constituído enquanto um procedimento usual de investigação e análise dos dados, de forma que estudos como os de Gomes (2005), sugerem que a



característica definidora do método está ou tem estado praticamente ausente na maioria das pesquisas que usam o grupo focal como metodologia de investigação.

Em nossa experiência, nos deparamos com muitos obstáculos, desde a constituição do grupo até a análise dos dados. Em face da ausência de sujeitos interessados em participar, tivemos dois grupos focais, mas com sujeitos das escolas indicadas pela própria secretaria de educação como as que tinham conselhos escolares atuantes.

Como impressão mais relevante sobre nossa utilização da técnica de grupo focal percebemos a flexibilidade que esse instrumento nos proporciona na obtenção dos dados, estabelecendo uma via de mão dupla, no sentido de que tanto encontramos os dados, como através destes grupos podemos apreender “as prováveis soluções” para o problema estudado. Um momento duplo de troca, portanto, onde o aprendizado ocorre também, além da coleta dos dados.

Compreendemos que a qualidade de qualquer pesquisa depende da clareza do objeto de estudo e de como esse se alicerça com relação à visão paradigmática, os aspectos ontológicos, epistemológicos e a escolha dos métodos e instrumentos.

Em nosso estudo o uso do grupo focal como técnica de pesquisa, nos ajudou inferir a partir das reflexões, anteriormente, construídas, sobre os mecanismos de participação social existentes hoje na escola, como estes se fundamentam/organizam, e seu funcionamento. Para lidar de maneira adequada de estudar uma política através de um instrumento de coleta de dados que promove a interação dos sujeitos, entendemos que o GF promove o esclarecimento de forma que representou sem uma escolha acertada para nossa pesquisa.

Não podemos esquecer-nos de mencionar a importância das interações verbais que ocorrem nos grupos e de como essas se integram na análise dos dados, ocasionando compreensões relevantes para a produção do conhecimento do pesquisador.



## Referências

- BARBOUR, R. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 244-270.
- CAREY, M. A.; SMITH, M. **Capturing the group effect in focus groups: a special concern in analysis**. Qual. Health. Res. p. 123-127.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UNB, 2001.
- FAIRCLOUGH, N.; KRESS, G. **Critical discourse analysis**. Mimeo, 1993.
- FLICK, U. Entrevista episódica. In: GASKEL, G.; BAUER, M. W. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 114-136.
- GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKELL, G.; BAUER, M. W. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.
- GOMES, A. A. Apontamentos sobre a pesquisa em educação: uso e possibilidades do grupo focal. **Eccos Revista Científica**, v. 7, n. 2, p.275-290, jul./dez. 2005.
- KITZINGER, J. The Methodology of focus groups: the importance of interaction between research participants. **Sociology of Health & Illness**, v. 16, n.1, p.103-121. 1994.
- MARANHÃO, I. M.L. **Os Conselhos Escolares e a construção da gestão democrática no Município do Jaboatão dos Guararapes**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 2000.
- MORGAN, D. L. Focus Groups. **Annual Review of Sociology**, v. 22, n. 1, p. 129-152, 1996.
- MORGAN D.L.; KREUGER, R.A. When to use focus groups and why. In: Morgan D. L. (Ed.). **Successful Focus Groups**. London: Sage, 1993.
- O'BRIEN, K. Using focus group to developed research on social relationships and AIDS - preventive behavior. **Health Educ. Q.**, v.20, p.361-372, 1993.



ORLANDI, E. Pi. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas: São Paulo: Pontes, 2005.

PATTON, M. Q. **Qualitative evaluation and research methods**. 2. ed. Thousand Oaks: Sage, 1990.

SILVA, I. Z. Q. J. TRAD, L. A. B. O trabalho em equipe no PSF: investigando a articulação técnica e a interação entre os profissionais. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 9, n. 16, p. 25-38, 2005.

STEWART, D. W.; SHAMDASANI, P. N. **Focus groups**: theory and practice. California: Sage: Newbury Park, 1990.

WILLIAMS, R. **Marxism and Literature**. Oxford: OUP, 1977.

VEIGA, L.; GONDIM, S. M. G. A utilização de métodos qualitativos na Ciência Política e no Marketing Político. **Opinião Pública**, Campinas, v. 7, n.1, p. 1-15. 2001.